

Ao seu prezado amigo Avila
off. com muita sympathia

Michel'angelo Lambertini

28/4/13

O MUSEU INSTRUMENTAL

E

as minhas relações com o Estado



LISBOA

Composto e impresso na Typ. do Anuario Commercial
Praça dos Restauradores, 27

1913

1(469)

Michel'angelo Lambertini

O MUSEU INSTRUMENTAL

E

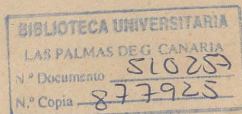
as minhas relações com o Estado



LISBOA

Composto e impresso na Typ. do Annuario Commercial
Praça dos Restauradores, 27

1913



O MUSEU INSTRUMENTAL

E

as minhas relações com o Estado ⁽¹⁾

Ha paizes, aliás pobres e pequenos, que têm innato o gosto pelo objecto d'arte, o respeito pelo que é bello; outros ha, como este infeliz rincão portuguez, rico de vinho e de sol, mas em que os assumptos d'arte têm invariavelmente uma importancia em absoluto secundaria. Encaram-nos com o sorrisinho deprimente de quem olha d'alto para cousas demasiado frivolas, sem cotação no mercado nacional, sem valor, sem interesse algum.

O nosso desleixo, desprezo e ignorancia no campo da arte já tem foros de tradição. A indifferença com que nos deixamos espoliar das riquezas, que deviam ser o quinhão mais sagrado do nosso patrimonio, a facilidade com que deixamos ir para a mão d'estrageiros tudo quanto a arte e o en-

(1) Este relato foi por mim lido a um grupo de amigos que se dignaram, ha dias, visitar o nucleo instrumental que reuni nas salas do Palacio das Necessidades.

genho dos nossos artifices tem produzido e tudo o que, á custa de mil sacrificios, se tem reunido em collecções aliás notaveis, constituem actos correntes da incuria nacional, de verdadeira ignorancia que ninguém pode razoavelmente contestar. Este desrespeito, esta indifferença, este desdem já vêm de longe, como tara característica que recrudesce a cada geração nova.

Eu não devia ignora-lo, porque não sou novo. E no entanto passou-me pela cabeça a idéa *fantastica* de concorrer, quanto em mim coubesse, para a criação de um Museu Instrumental.

Fantastico me não pareceu o projecto n'essa occasião. Em primeiro logar, porque não ha hoje um paiz, medianamente culto, que não tenha a sua collecção mais ou menos completa de instrumentos e accessorios musicos, como elemento essencial para a educação do artista, como lição viva para todos os que se interessam pela historia dos órgãos sonoros, que é por assim dizer a historia da musica. Depois, a occasião não podia ser mais azada para a realisação d'esse sonho d'arte, se sonho era. Os ultimos conventos iam fechar-se: os palacios reaes já estavam desertos. Bastava que nos lembrassemos de 1834, para recearmos, não sem um legitimo arrepio, que agora se repetissem casos então succedidos; que muitas das preciosidades ali guardadas por tanto tempo se vendessem ao desbarato,

como se venderam já muitas, ou se extraviassem sem remissão, como n'essa época, fatídica para a arte portugueza, tantas se extraviaram.

Não era preciso um grande arranco de patriotismo em quem quer que n'um determinado departamento d'arte se houvesse especializado, para, sem a menor hesitação, pôr á prova o melhor do seu esforço e da sua dedicação pela causa commum.

Outra circumstancia comtudo havia que me impulsionava. Ninguem ignora a fragilidade de um instrumento musico, a sua extrema sensibilidade aos maus tratos, ás incurias e até aos caprichos do thermometro e do hygrometro. Cada dia que passasse era mais uma ameaça de ruína para tantas peças d'arte que eu sabia estarem espalhadas pelo paiz em mãos mercenarias, indifferentes ou inhabeis, por lhes faltarem os cuidados de que até agora os haviam rodeado.

Reunir essas riquezas esparsas, valorisa-las por esse mesmo facto de as reunir e rodea-las dos nil carinhos que, não a sciencia, mas o interesse que me habituei a ligar ás cousas d'arte, me saberia ditar — pareceu-me uma aspiração de elevado alcance artistico e um preito de merecida devoção á terra onde nasci.

Não hesitei pois e tive o applauso de alguns amigos dedicados, a quem os assumptos d'arte se impõem com elevada signifi-

eação e com importancia social inegavel. Entre outros, José Relvas, espirito finisimo d'artista, que a politica não conseguiu desviar do mundo da arte, teve palavras extremamente animadoras, que seria ingratição esquecer. «...é uma das suas muitas, boas e generosas aspirações, dizia-me elle. Hei-de chamar a attenção do ministro do Interior para a importancia d'este problema e pedir-lhe que se interesse junto do das Finanças e mais tarde com a Camara para que a sua bem interessante iniciativa tenha seguimento.»

Teve-o de facto n'aquella occasião, graças a elle e a alguns amigos mais, não tardando o ministro de então em promulgar a portaria que textualmente reproduzo :

«Attendendo a que é de toda a conveniencia reunir em local apropriado os diversos instrumentos de musica e seus accessorios, que se encontram dispersos em varios edificios de conventos, paços, museus, etc.; Manda o Governo da Republica que seja encarregado Michel'angelo Lambertini de proceder á indicada colleccionação, dando opportunamente conta da incumbencia que ora lhe é cometida e que será desempenhada sem onus de qualquer especie para o Estado. Paços do Governo da Republica, em 21 de Dezembro de 1911.
— O Ministro do Interior, *Silvestre Falcão.*»

Como se vê n'esse diploma, as intenções não eram extremamente ambiciosas. Arrecadar, salvar da destruição apenas. Nada de dispendios... E quando as hoje depauperadas forças do thesouro o consentissem, esperava eu que se creasse o ambicionado Museu.

Esse é ou seria o espirito do documento que deixo transcripto, esse havia sido sempre o thema inabalavel do meu projecto.

Cumpre-me tambem dizer que, nas espheras officiaes, foi o dr. Silvestre Falcão um dos poucos que quizeram entender e entenderam o que se pretendia fazer, um dos pouquissimos que nunca hesitaram em prestar mão forte ao empreendimento, sabendo quanto altruismo e proveito artistico nelle havia. Infelizmente, porém, o dr. Silvestre Falcão deixava o governo poucos mezes depois e o projecto perdia, por tal facto, um dos seus melhores patronos.

O que tem sido estes 16 mezes de luctas extenuantes, de trabalhos de toda a natureza, de solicitações ouvidas com desdem ou com indifferença, de requerimentos sem despacho, de officios sem resposta, de inuteis e longas permanencias nas antecamaras dos ministerios á espera dos ministros que por fim *«já haviam sahido por outra porta»*, — as horas perdidas em prejuizo de interesses propios, as cancelas de todo o genero que esses 16 mezes representam—não as vou eu agora descrever. Tudo isso faz

objecto de um Diário pormenorizado que conservo, e de um Copiador especial de cartas e officios que, na sua aridez documental, podem ainda servir de aviso a ingenuos e de proveitoso ensinamento futuro para mim.

O que importa é saber se, apesar de todos os obices apontados, se conseguiu produzir alguma cousa de util durante esses 16 mezes.

Vae responder por mim a lista que mais adeante transcrevo dos objectos recolhidos. Antes de a formular porém, tenho a peito consignar o desinteressado auxilio que, para a obtenção de muitos d'esses objectos, e alguns valiosos, me foi dado encontrar no Conselho d'Arte e Archeologia (1.^a circumscripção), da presidencia do notavel architecto e professor, sr. José Luiz Monteiro, e na nunca desmentida bôa vontade do dr. José de Figueiredo, illustre director do Museu de Arte Antiga, a cujo espirito de rara delicadeza não podia passar despercebida a importancia pedagogica e historica que esta nova collecção d'arte era susceptivel de revestir.

Com menos efficacia pratica, mas com egual fervôr, se solidarisaram com os meus ideaes os srs. dr. Alfredo Bensaude, Rosendo Carvalheira, dr. Carvalho Monteiro, dr. Alfredo da Cunha, D. José Pessanha, dr. Antonio dos Santos Lucas, Antonio Arroyo, dr. Virgilio Machado, Luciano Freire, Cu-

nha e Silva, e mais alguns artistas e amadores d'arte.

Foram esses incentivos, tantos moraes como materiaes, ainda que estes ultimos bem escassos, que me determinaram a não desanimar.

Obtidas não sem custo umas exiguas salas no palacio das Necessidades, ahi fui arumando, classificando, catalogando e *tratando*, na minha pouco apeteçivel qualidade de conservador gratuito, os objectos mais ou menos interessantes que consegui salvar ainda dos azares da hasta publica, da poeira e lixo dos sotãos e dos... dentes dos ratos.

São as seguintes as peças cuja guarda me foi confiada e que (excepto os n.^{os} 1 a 25 e 35 a 58) se encontram, em *deposito visitavel*, no palacio das Necessidades, dispostas muitas d'ellas em vitrines e devidamente numeradas pela sua ordem d'entrada:

- 1 a 25 — Objectos diversos, de que passei recibo, mas que apezar de repetidas instancias nunca me foram entregues. (*Palacio de Mafra.*)
- 26 — BATUTA do seculo XVIII. Comprimento 1,^m14. Com ella eram diridas as imponentes festividades religiosas de Mafra, no tempo de D. João V. (*Id.*)
- 27 — BANDOLIM de fantasia, figurando um navio com cordeame, bandeira e outros accessorios nauticos. (*Id.*)

- 28** — CISTRO ou guitarra portugueza. Curioso especimen dos marchetes da ilha da Madeira. (*Id.*)
- 29** — VIOLA marchetada no mesmo genero do numero anterior. (*Id.*)
- 30 e 31** — RAJÕES de fantasia. (*Id.*)
- 32** — RAJÃO em caixa harmonica em fórma de coração. (*Id.*)
- 33** — RAJÃO em fórma de peixe. Um instrumento semelhante, que existe no Kensington Museum, mereceu as honras da photographia no catalogo de C. Engel. (*Id.*)
- 34** — CAVAQUINHO madeirense. (*Id.*)
RETRATO do auctor dos 8 instrumentos anteriores. Tem entre outras a reproducção do *bandolim-navio*, tal como era na sua origem. (*Id.*)
- 35 a 58** — Mesma observação que para os numeros 1 a 25. (*Id.*)
- 59** — VIOLONCELLO e competente estojo. Pertenceu ao violoncellista e maestro Guilherme Cossoul. (*Conservatorio.*)
- 60** — FLAUTA com dupla caixa. Pertenceu ao concertista e professor Antonio Croner. (*Id.*)
- 61** — CORNETA DE CHAVES de Raphael Rebello. Pouco vulgar. (*Id.*)
- 62** — VIOLINO de Carl Grimm (1864). Pertenceu ao concertista e compositor Francisco de Sá Noronha. (*Id.*)

- 63** — TROMBONE de varas de Raphael Rebello. Pouco vulgar. (*Id.*)
- 64** — ESTANTE com madeiras embutidas. (*Id.*)
- 65** — BARITONO de Gautrot, com 4 pistons. (*Id.*)
- 66** — PIANO de cauda de Broadwood & Sons. Pessimo estado. (*Id.*)
- 67** — PIANO vertical de Bechstein. (*Palacio da Pena.*)
- 68** — PIANO vertical de Erard, em mau estado. (*Palacio de Cintra.*)
- 69** — BANCO DE PIANO em forma de concha. (*Id.*)
- 70** — PIANO de cauda de Ignacio Pleyel, em estylo Imperio com bronzes. Peça interessante. (*Id.*)
- 71** — PIANO de cauda de Joseph Kirkmann, com trabalho de talha. Peça de museu como a anterior. (*Id.*)
- 72** — HARMONIUM de Alexandre, com 15 registros. (*Id.*)
- 73** — PIANO de mesa Astor & Norwood, com 6 oitavas. (*Museu Nacional de Arte Antiga.*)
- 74** — CLAVICORDIO conventual. Peça raras em muito mau estado. (*Id.*)
- 75** — CRAVO de martellos, com 4 oitavas. Bello objecto de museu, depois de convenientemente reparado. (*Id.*)
- 76** — PIANO de mesa, de 5 oitavas. E' lindamente marchetado e seria

apreciado em qualquer museu.

(*Id.*)

77 — VIOLONCELLO com estojo e arco.

Este ultimo é precioso. (*Id.*)

78 — DUDELSACK ou cornamusa alleman.

Falta-lhe infelizmente o odre. (*Id.*)

79 — PIANO de cauda em completa rui-

na. (*Conservatorio*).

80 — PIANO de cauda do principio do se-

culo XIX. Construcção curiosa e não vulgar. (*Id.*)

81 — FLAGEOLET DUPLO de Bainbridge.

Principio do seculo XIX. Existem exemplares identicos nos museus de Londres, Paris e Bruxellas. (*Pertence ao sr. Manoel de Macedo Pereira Coutinho*).

82 a 95 — TROMPAS de caça. Quasi todas

de fabricaçãõ nacional. (*Museu dos Coches*).

96 e 97 — CAIXAS DE GUERRA, finamente

pintadas. (*Id.*)

98 — SUPPORTES de madeira para timba-

les. (*Id.*)

99 — CAIXA DE RUPO, com boa pintura.

(*Museu de Artilharia*).

100 a 106 — CORNETAS DE CHAVES de mo-

delos diversos. (*Id.*)

107 — SAXOPHONE soprano. (*Id.*)

108 a 110 — CLARINS de cavallaria (*Id.*)

111 — CHAPEU CHINEZ ou jogo de campai-

nhas. Exemplar hoje raro. (*Id.*)

112 — OPHICLEIDE. (*Id.*)

- 113** — TROMBONE de varas (*Id.*)
114 — CORBASSO. (*Id.*)
115 — BASSHORN. Muito pouco vulgar. Ha um semelhante no museu de Bruxellas. (*Id.*)
116 — TRIANGULO antigo para banda militar. Peça de bastante raridade. (*Id.*)
117 — TROMPA de mão (*Id.*)
118 — TROMPA de pistons (*Id.*)
119 — TROMPA omnitonica. Pouco vulgar. Interessante. (*Id.*)
120 — CORNETA lisa d'infantaria (*Id.*)
121 — REQUINTA. (*Id.*)
122 — INGOMBA, instrumento gentilico. (*Id.*)
123 — FLAUTA de cana, dos negros africanos. (*Id.*)
124 e **125** — CORNETAS lisas d'infantaria. (*Id.*)
126 — ESPINETA do seculo XVI, de Antonius Bononiensis. Pinturas. (*Pertence a Michel'angelo Lambertini; estava a titulo d'emprestimo e vae ser retirada.*)
127 — ESPINETA com pinturas e o brazão da familia Clementini. Pés ornados de satyros alados. Auctor Johannes Landi, anno de 1572. (*Id.*)
128 — CLAVICORDIO de Gaspare Assalone, com a data de 1732. E' pintado como as espinetas. (*Id.*)
129 — ORGÃO movel do seculo XVIII. Está

desmantelado, mas a caixa é artistica e ornada de pinturas e talha dourada. (*Recolhimento do Salvador*).

- 130** — SONÓMETRO, de casquinha. (*Convento de S. Francisco, em Setubal*).
- 131** — TUBO D'ORGÃO montado sobre suporte e destinado a demonstrações da vibração do ar nos tubos. (*Id.*)
- 132 e 133** — PLACAS VIBRANTES para experiencias de Acustica. (*Id.*)
- 134** — GUEMBRI, instrumento marroquino de 2 cordas. (*Id.*)
- 135** — VIOLONCELLO curioso por estar armado com 3 cordas e supressão de uma cravelha, um furo novo ao centro do estandarte e um cavalete com 3 dentes. Tem estojo e arco não muito antigo mas interessante. (*Convento do Desagravo*).
- 136** — CAMPAINHA de altar. (*Convento do Sacramento*).
- 137 a 146** — CARRILHÃO constante de 10 sinos, que conseguí completar com difficuldade, por andarem extra- viados 2 dos sinos. (*Convento de Brancanes, em Setubal*).

De todos esses numeros possuo um catalogo methodico, com todas as indicações historicas e organographicas, que pude colher a respeito de cada um.

Figura evidentemente na lista um certo

numero de peças de discutivel interesse para um museu instrumental, taes como pianos modernos, objectos duplicados, etc. Confesso que não tenho o menor remorso d'esse *excès de zèle*, porquanto me animou sempre a esperança de que o Estado consentiria na sua troca com outros museus ou os venderia de futuro, mais valorizados pelo tratamento, para applicar o seu producto ao engrandecimento do proprio Museu, quando as forças financeiras do paiz permittissem a sua criação definitiva. Nova utopia, talvez, em que o meu idealismo incorrigivel se deixou mansamente embalar!

Mas não devo deixar de mencionar a importancia real de alguns numeros da lista que acabo de expôr e que são especialmente: A Batuta de D. João V, os instrumentos marchetados da ilha da Madeira, os metaes de Raphael Rebello, um Clavicordio velhissimo, infelizmente em pessimo estado, um Cravo de martellos com 4 oitavas, um Pianinho com embutidos dos fins do seculo XVIII ou principios do seguinte, o antiquissimo Arco de violoncello, ou antes Arco de baixão, que acompanhou o numero 77, o Chapeu chinez e o Triangulo de banda marcial, o Basshorn que o Rei D. Carlos offereceu ao Museu d'Artilharia, a Trompa omnitonica, e o Carrilhão de Brancanes, que não pouco trabalho me deu para completar e trazer para o museu.

Não alludirei ás duas Espinetas do sec. XVI nem ao Clavicordio do sec. XVIII, peças ornadas de pinturas interessantes, porque voltam muito em breve, como disse, para a posse do colleccionador.

Tambem me não refiro ao duplo Flageolet de Bainbridge, que pertence ao sr. Manuel de Macedo Pereira Coutinho. S. Ex.^a lhe dará o destino que julgar conveniente.



Vejamos agora com que novos elementos contava eu para a realisação d'este conjuncto de utopias, que se chama a creação *futura* de um Museu d'Instrumentos musicos em Portugal!

Não pretendo negar que tenho tido os olhos constantemente fitos no Museu Keil. Uma collecção d'instrumentos, em que ha exemplares preciosissimos, que se pretende vender por uns miseros 8 contos e tal, e que vae muito provavelmente enriquecer os negociantes estrangeiros e figurar nos museus e collecções lá de fora, não é cousa que me deixasse indifferente. Sabendo porém que o Estado não podia dispôr dos taes 8 contos e tal, pelo menos neste momento, limitei-me a meditar aquelle famoso distico dantesco, que se resume em duas palavras lapidares: *Spira, spera.*

Outro meio havia de mais pratica e economica execução. Não fallando já na mi-

nha modesta collecção particular, em que apesar de tudo ha umas oito peças de iniludível valor artistico e intrinseco (1), collecção que se destinava a augmentar, *on loan*, o fundo do futuro Museu — independentemente d'isso, algumas diligencias empreguei no sentido de dotar esta instituição com elementos valiosos, interessantes e sobretudo... baratos, visto como na nossa terra a arte tem de ser cotada... pelo baixo.

Assegurei assim o apoio de certas entidades officiaes, que possuem instrumentos musicos, e alguns de raro valor artistico e archeologico. Falei a alguns possuidores de cousas que podiam interessar a esta collecção. Entendi-me com fabricantes nacionaes e estrangeiros, com os quaes, pela indole da minha occupação professional, mantenho antigas relações. Correspondi-me assiduamente com directores de museus e collecções estrangeiras, alguns dos quaes, como Victor Mahillon, illustre chefe do Museu de Bruxellas, René Brancour, conservador do de Paris, Paul de Wit, Paul Cesbron, etc., me valeram muitas vezes

(1) Uma das peças que me cumpre mencionar e que veiu ultimamente enriquecer o meu proprio, posto que escasso, peculio, é um admiravel Cravo de dois teclados, de Longmann & Broderip, que pertencem ao conhecido aguarellista Enrique Casanova, Cravo que elle havia depositado no Museu de Arte Antiga, e que generosamente me offereceu para que me ficasse pertencendo e se não perdesse. Está actualmente em reparação.

com os seus conselhos e, o que mais é, me fizeram valiosas promessas de permuta.

Salvo no elemento burocratico portuguez, em toda a parte encontrei palavras de animação e de incentivo; affirmações de solidariedade e promessas de beneficio para o emprehendimento em que me havia lançado.

Além d'isso, a collecção que se ia pouco a pouco formando dava-me satisfação. Poucas eram as peças que tinham um acentuado valor archeologico, é certo, a necessaria *raridade* para o caso, mas eu sabia bem como os grandes museus estrangeiros se tinham feito.

O de Bruxellas, que hoje conta cerca de 3:000 objectos, começou com os 76 instrumentos da collecção Fétis, que o estado belga adquiriu. O de Paris teve por inicio as 230 peças da collecção Clapisson, que o estado francez tambem adquiriu. O de Roma, comprou-a recentemente o estado italiano ao collecionador Evan Gerga. O do Kensington, de Londres, sendo grandioso, é quasi todo devido ao patriotismo e boa orientação artistica dos expositores *on loan*, o que não impede que seja largamente patrocinado pelo estado inglez. O de Colonia, que não pertence ao estado, começou pela compra do pequeno Museu Wit, e hoje é um dos primeiros do mundo. O de Milão, que nasceu das dadivas de alguns concorrentes á Exposição de 1881, é já agora lar-

gamente protegido pelo estado e pelo município. Os de Florença, Bolonha, Copenhague, Vienna d'Austria, Nuremberg, etc., emfim, todos os que ha por essa Europa fóra e pela America tambem, tiveram o mais modesto inicio e devem a sua actual prosperidade não só ao altruismo de particulares, mas tambem á inteligente, fecunda e valiosa intervenção das administrações publicas.

Certo é comtudo que esses Museus, e os que não citei para me não alongar em extremo, sempre começaram por... comprar alguma cousa. Ora no caso a que eu tinha ligado a minha actividade e sacrificado o meu tempo e a minha tranquillidade d'espírito, com a quasi completa desajuda official e sentindo mais de uma vez um proposito de se estorvar ou pelo menos enfraquecer a minha iniciativa, n'este caso havia ainda a mais triste, desanimadora e mesquinha penuria e, além de tudo o mais, a quasi convicção, para mim, de que em tempos mais proximos se não sacrificaria a menor quantia a um empreendimento que, desdenhado em terra lusa talvez como uma futilidade, não deixa de ser tomado muito a sério em todas as nações sérias.

.. Mas *querer é poder*; e quando houvesse de renunciar a esse *insensato* projecto, fallou-a só nas ultimas trincheiras e depois de esgotados os derradeiros recursos da minha pobre mas teimosa estrategia.

Uma das cousas porém que sempre me preocupava era o facto de eu ter apartado um certo numero de objectos nas arrecadações e sotãos do palacio de Mafra (numeros 1 a 25 e 35 a 58), de ter assignado os competentes recibos e mais papelada official, de ter até pago as respectivas despezas de transporte desde Mafra até ás Necessidades — e de não haver meio de obter a entrega dos decantados objectos.

Durante mezes supportei esta situação, um tanto anormal, com resignada philosophia; ouvi pacientemente as varias razões de ordem burocratica, os varios pretextos de lana caprina, que me quizeram servir, com condimentos e molhos varios, para explicação de tão extranho caso, — até que me resolvi ha pouco tempo a ponderar muito respeitosamente ás estações officiaes que justo era, por elemental formalidade e boa logica, que ou me fizessem a mais rapida entrega dos objectos por mim escolhidos, ou tivessem por bem annular os documentos que eu havia firmado.

Já me referi, não sem uma pontinha de amargura, á doce mansuetude e até ao beatifico esquecimento com que haviam sido acolhidas muitas das minhas precedentes communicações dirigidas ás várias personalagens governativas com quem estive em relações. D'esta vez porém, a resposta não se fez esperar muitos dias. Ei-la em toda a sua nudez:

«Direcção Geral da Fazenda Publica, 5 de Abril de 1913. — Ao sr. Michel'angelo Lambertini. Communico a V. que o Ex.^mº Ministro das Finanças, por despacho de 3 do corrente, mandou cessar a commissão de que V. estava incumbido, e bem assim restituir-se-lhe o dinheiro, que deixou na Administração do Palacio de Mafra para transporte de varios objectos, que não chegaram a ser transferidos para as Necessidades. Saude e Fraternidade. — O Director Geral. (a) *Manoel Maria Augusto da Silva Bruschi.*»

Apezar de mediocrementemente versado em materia burocratica, devo aqui confessar que o facto de ter recebido o encargo organisador d'esse embrião de museu pelo Ministerio do Interior e a demissão pelo das Finanças me deixou um pouco perplexo, tanto mais que ninguem poderá deixar de notar os termos em que essa demissão me é communicada e que fazem suppôr quaes sejam os do despacho de 3 do corrente mez.

N'esta perplexidade, impunha-se o seguinte officio, que pouco depois expedi:

«Lisboa, 9 de Abril de 1913. — Ex.^mº Sr. Ministro do Interior. Por portaria proveniente d'esse ministerio, com data de 21 Dezembro de 1911, fui eu nomeado para proceder, sem remuneração de especie alguma. á colleccionação dos Instrumentos

e Accessorios musicos que se encontrassem dispersos em varios edificios de conventos, paços, museus, etc., e d'essa missão me tenho desempenhado na medida maxima dos meus meios. Acabo porém de receber um officio do sr. Director Geral da Fazenda Publica, em que se me communica que, por despacho do Ex.^mº Ministro das Finanças, de 3 do corrente mez, cessára a commissão de que eu estava incumbido. Venho pois pedir a V. Ex.^a se digne fazer-me saber se este despacho se liga ao assumpto da referida portaria, visto não ter recebido d'esse ministerio communicação alguma a tal respeito, ou se o officio do Ministerio das Finanças se explicará por um equivoco qualquer. E fico aguardando a resposta a tal respeito, para meu conhecimento e devidos effeitos. Saude e fraternidade. —
(a) *Michel'angelo Lambertini.*»

Estão n'este ponto as cousas. Não tardará que venha do Ministerio do Interior a confirmação da minha inexplicavel e inexplicada exautoração. Mas quer venha quer não, eu é que não posso deixar de dar a minha missão official por finda. Nem já quero perder tempo a commentá-la.

Espero que o governo nunca me accusará de falta de ordem, ou de menos conveniente organisação, na guarda dos objectos que confiou á minha vigilancia e cuidado. Não pode fazê-lo. Todos os Ins-

trumentos e Accessorios musicos se encontram numerados, correspondendo essa numeração a um Livro d'entradas, onde figura, a par do nome do objecto e seu numero d'ordem, a proveniencia e o estado em que o recebi.

Devo dizer que muitos d'esses objectos chegaram ao meu poder em pedaços. Mande-i collar á minha custa muitos fragmentos; outros que exigem reparações dispendiosas para se utilisarem, guardei-os cautelosamente por forma a não haver extravio ou confusão.

A cada entrega corresponderam sempre dois documentos: um recibo por mim firmado, e um auto d'entrega, que devidamente archivei, e que está assignado pela pessoa que, com ordem superior, me fazia essa entrega.

Tomei o assumpto a serio... e tambem tomei todas as precauções necessarias, hão-de concordar.

Devo porém dizer que, embora terminasse o meu encargo official, por forma alguma abandono a primitiva idéa da formação do Museu. Afinal, o auxilio que me vinha dos poderes publicos era de pequena valia e esta não correspondeu nunca ao esforço a que tal auxilio me obrigava. Recobro pois, com todas as vantagens, a mais inteira independencia para a minha acção.

Entendo que o paiz póde ter um Museu Nacional d'Instrumentos. Deve tê-lo, ape-

sar da não intervenção governativa e talvez até graças a essa não intervenção, visto o character com que ella se apresenta e que acabo de referir.

Vou pois tentar realisá-lo, fóra completamente das influencias officiaes, para o que conto já com elementos de alta valia.

A varias entidades me dirigirei ainda, que, como espero, saberão comprehender e auxiliar o movimento de iniciativa particular, que me propuz de algum modo promover.

Chi dura vince. — E' conformando-me com essa maxima que me proponho não desanimar; e, se encontrar o appoio que ambiciono, tenho fé que hei-de vencer.

Lisboa, 21 de Abril de 1912 ³

35

BI
61
L/
m